

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 608	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	15 DE NOVEMBRO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

O caso é saber escolher.
L'embarras du choix!

Ultimas recitas do Novelli! Primeira da Sarah!... *O Hamlet*, *A Madrinha de Charley*, *O Papá Lebonnard* no theatro D. Amelia! No theatro de S. Carlos *A Tosca*, *A Dama das Camélias*, *A Phedra*, *A Gismonda*, *A Magda!*

E, como se isto não fosse bastante, peças novas no Theatro da Rua dos Condes, no Principe Real, na Trindade! Na Rua dos Condes a *Madame Sans Gêne*, posta em scena, dizem, por uma fôrma deslumbrante; no Principe Real, a estreia auspiciosa de Ernesto da Silva com a sua peça *O Capital*, um drama de combate, bem urdido, bem escripto, de fe n d e n d o idéas sympathicas de justiça e de fraternidade; na Trindade o Valle, sempre o Valle, o nosso grande actor comico!

O caso era saber escolher ou para evitar difficuldades e tardios arrendimentos, ficar em casa.

Vai-se o Novelli!

— Até mais ver!

Deu-nos das maiores alegrias que temos recebido em arte. Desde a sua estreia com o *Papá Lebonnard* foi crescendo o exito d'aquellas recitas, foi augmentando o enthusiasmo do publico, que todas as noites encheu a quella s enormes bancadas.

Foi Novelli quem primeiro deu a conhecer em Portugal o nome de Ibsen, o mais prodigioso dramaturgo do Norte, talvez o maior dos dramaturgos da actualidade.

Foi elle ainda quem pela primeira vez representou a portuguezes a comedia de Shakspeare, elle que nos deu a conhecer a *Magda*, elle a primeira comedia do theatro livre. Escolhida para sua estreia com ella se quer despedir do publico.

— Até mais ver!

Novelli parte para Barcelona, representará depois em Roma, passará a quaresma em Napoles e virá depois a Madrid, dando uma volta pelas provincias de Hespanha. O nosso *até mais ver!* leva-

lhe um pedido. Uma saudade ha de chamal-o a Lisboa, onde tantas saudades vai deixar.

Sarah Bernhardt estreiou-se com *A Tosca*, para ella escripta expressamente por Victorien Sardou, o mais fecundo dos auctores dramaticos francezes. Em frente d'um publico dominado pelo prodigioso talento d'essa mulher excepcional, a infeliz amante de Mario trouxe-lhe á egreja onde o pintor trabalhava as mais bellas flores da Italia. E não houve artista que delineasse quadro mais bello que o d'essa visão loira, com o seu grande

chapéo, as rosas no regaço, entrando no templo onde estava o seu amor. N'uma deliciosa scena de comedia, em frente de toda a côrte a quem devia mostrar todos os encantos da sua voz, a *Tosca* negou-se a cantar; viram-a depois no maior martyrio que pode ser condemnada uma mulher, assistir ao martyrio do amante; viram-a vingar-se, viram-a soltando gritos dolorosos pela inutilidade da sua vingança.

E Sarah Bernhardt mostrou toda a pujança do seu talento nos mais variados aspectos, desde o fino dialogo de comedia até a tragedia mais horrivel, por onde a conduziu a mão do mestre.

Seis noites apenas representa. Tem que percorrer o mundo, mostrar ao universo o seu talento unico, a sua mocidade eterna. Não ha constelação no céu que ella não conheça, não ha raça de gente que se não tenha sentido enlevada nas dulcissimas notas da sua voz.

Vai-se embora o Novelli, vai-se embora a Sarah. Ficam finalmente sós os theatros portuguezes, contra quem o publico é por, vezes tão injusto, a quem tão raras vezes concede uma pequena benevolencia, ao menos, por tanto sacrificio, por tanta lucta, por tão boa vontade, que tantas vezes mostram. Não faltam bons talentos no nosso theatro, não falta sempre boa vontade nas empresas. Se o publico quizer um



SUA MAGESTADE O IMPERADOR GUILHERME II DA ALLEMANHA

dia fazer justiça, pode talvez fazel-a sem ir muito longe procurar a quem offereça os seus applausos.

Novelli e Sarah são dois nomes enormes, com poucos rivales. Mas tambem em Portugal ha nomes bons, tambem nos theatros portuguezes temos tido, por mais d'uma vez, prazeres artisticos que seria ingratição esquecer. Não quero recordal-os; basta que cada leitor consulte um instante a sua memoria.

Se o repertorio dos nossos theatros é mau ás vezes, o desnorreamento das emprezas na escolha das peças prova sobretudo outros desnorreamentos, o do publico, que não tem culpa, o da critica que a tem, e grande. É esta uma verdade incontestavel.

Ninguém pôde obrigar uma empreza, que para manter-se precisa ganhar dinheiro, a fazer sacrificios durante quatro ou cinco annos consecutivos, gastos a formar a educação d'um publico, que más leituras de romances baratos, de criticas levianas em jornaes, especulações de outras emprezas, teem desorientado e afastado completamente do amor da arte.

Voltará um dia á discussão o theatro normal. Seria um bem para todos que essa questão se resolvesse a bem da arte. Até lá um bocadinho de benevolencia, dentro dos limites da justiça, será a melhor fórma de conseguirmos aquillo por que tanto anciamos, o progresso no theatro portuguez.

Não é com certeza com processos de anarchistas que havemos de obter que emprezas, auctores e actores se unam para um fim que a todos interessa e maiormente ao publico. Temos elementos bons, vejamos como havemos de aproveitá-los. Não será talvez o caso tão difficil como parece.

Novelli deu-nos agora um magnifico exemplo de quanto pôde o esforço d'um só homem... contanto que elle tenha um ideal. Elle mesmo fez a educação do seu publico. Muitos que o receberam friamente no *Papá Lebonnard* serão dos primeiros a applaudil-o, quando com o mesmo *Papá Lebonnard* Novelli nos disser adeus. Mas, para que o publico se deixe convencer, precisa ser benevolente; mas para convencer-o precisa-se ter auctoridade.

As nossas emprezas theatraes perderam um bocadinho a auctoridade que deveriam ter; o publico não quer para com ellas ter a benevolencia que fóra mister. Seria preciso um accordo.

Será isso altamente difficil? Não se poderia conseguir isso diplomaticamente, pouco a pouco, incutindo ao publico um gosto melhor, sem nunca tentar deslumbral-o, fazendo, por assim dizer, uma catechese artistica, chamando-o com uma boa escolha de repertorio, com um desempenho igual e correcto, obrigando-o a mudar de rumo por meio de uma curva suave?

Um problema de analyse indeterminada. Quem não tem pachorra nunca os resolve. A equação é uma só e as incognitas são muitas.

Cá e lá más fadas ha. Tambem por causa d'essas duas terriveis incognitas: — Que dirá o Papa? — Que dirá o Rei de Italia? — não foi a Roma El-rei de Portugal. Ficou a equação por resolver.

E os jornaes estrangeiros veem entretanto cheios de noticias relativas á viagem regia. Carinhosamente recebido em Hespanha pela Rainha regente, amigavelmente em Paris por Mr. Faure, opulentamente na Alemanha pelo Imperador, o sr. D. Carlos acaba de fazer na City uma verdadeira entrada triumphal. Succederam-se em honra d'El-rei de Portugal, em todos os paizes por onde andou, os jantares, as caçadas, os concertos, as festas. Os chefes de todas as nações rivalisaram na melho: fórma de receber o chefe de nossa pequenina nação, tamanha no passado pela sua historia, tamanha no futuro pela nossa esperanza. Se os chefes representam um paiz, que Deus abençõe os laços de sympathia que possam unir Portugal a tamanhos imperios, como a Hespanha, a França, a Alemanha, a Inglaterra. E, se é bom sonhar um bocadinho, é prudente não dormir de mais.

Faz-nos bem lêr essas discrições; podemos por um momento pensar, e oxalá o pensemos durante muito tempo, que a paz nos espera, que podemos caminhar tranquillamente, que hão de voltar tempos bons em que se não fale em vergonhas, em concessões deshonrosas, em fraquezas. Podemos olhar serenamente para um futuro que tem a luz d'uma aurora. Venha depressa o sol do novo dia.

Só a bota da Italia se sahio bêco sem sahida. Questões diplomaticas que nada influem nos laços de sympathia que unem os dois paizes irmãos.

Foi ver como a Italia foi acclamada, quando representada por um dos seus filhos, na ceia offerecida a Novelli, na noite da sua despedida, um de nós se levantou e brindou á prosperidade da patria do extraordinario artista, que tanta saudade nos deixa.

— Até mais vêr.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

S. M. O IMPERADOR GUILHERME II

O monarcha que hoje impera na Alemanha e que tão grande preponderancia tem na politica do mundo, acaba de fazer o mais cordeal acolhimento e carinhosa hospedagem a El-rei D. Carlos, o monarcha portuguez que o visitou.

É proprio da gentileza do imperador Guilherme II essa recepção festiva feita ao chefe de um Estado pequeno, embora grande pela sua historia e, na grande balança da politica européa não poderá deixar de pesar este facto, pela sua alta significação, tanto mais no momento em que uma outra potência manifesta pouco cortezmente o seu desagrado, por não ter o monarcha portuguez podido annuir á sua politica intransigente.

Guilherme II, o neto do grande imperador que teve a ventura de realizar a unidade germanica, é tão militar como seu avô, e entretanto elle ama a paz porque entre o seu espirito guerreiro e o seu coração bondoso antevê as grandes desgraças de uma guerra colossal.

Desde junho de 1888 que occupa o throno da Alemanha tendo succedido a seu pae Frederico Guilherme III cujo reinado foi apenas de tres mezes no meio das agonias de uma doença mortal.

A sua subida ao throno do grande imperio provocou uma interrogação geral em todos os espiritos sobre a attitude da sua politica de que dependia a guerra ou a paz da Europa; não tardou, porém muito, que os espiritos se tranquillisassem quanto possivel sobre a probabilidade de uma guerra proxima, vendo as tendencias que o novo imperador mostrava para a paz.

Mas se as suas tendencias para a paz tem sido manifestas, procurando quanto possivel aproximar-se da França, nem por isso tem posto de parte o seu espirito militar de modo que a Alemanha de hoje não é menos militar do que era em 1870 e antes tem progredido nos aperfeiçoamentos da arte da guerra e feito de cada allemão um soldado de que o novo imperador Guilherme é o primeiro.

É tal o espirito militar da Alemanha hoje, que o que mais impressionou a imprensa d'aquelle paiz referindo-se a Portugal por occasião de receber a visita d'El-rei D. Carlos, foi os progressos que o exercito portuguez tem feito em sua instrucção e organização, nos ultimos tempos, apesar das difficuldades financeiras do nosso thesouro.

Tambem são de alta significação estas palavras da imprensa allemã referentes ao nosso exercito e que não deixam de ser confirmadas pelos factos, n'este momento em que o exercito portuguez está alcançando successivas victorias em Africa contra um dos potentados mais temiveis d'aquelle paiz.

Para afirmar ainda mais o espirito militar do imperador Guilherme, a festa publica que offereceu a El-rei D. Carlos, foi o juramento de dois mil recrutas na galeria do palacio de Potsdam, uma cerimonia tocante, em que os recrutas, formados ante um altar, ouvem as predicas religiosas que lhes fazem dois padres, um catholico, para os catholicos e um protestante para os protestantes, passando depois a prestar juramento ao monarcha como imperador da Alemanha.

N'esta festa imponente, a que assistiram todós os principes da Prussia, estado maior do imperador e grande numero de militares, alguns estrangeiros, fez o imperador Guilherme um discurso, em que lembrou aos novos soldados da Alemanha as glorias do seu exercito.

E no meio d'aquella cerimonia que era tambem uma festa militar, como se sentia bem o neto de Guilherme I e descendente de Frederico o Grande, da Prussia.

O imperador Guilherme II conta hoje 36 annos, pois que nasceu em 27 de janeiro de 1859. Fez a sua educação militar no collegio de Kassel,

a que se seguiram varios cursos de sciencias naturaes e de direito na Universidade de Bonn.

Seu avô encaminhou-lhe a educação moral no sentido de lhe desenvolver sentimentos religiosos ao mesmo tempo que lhe formava o espirito militar de um futuro general, como não podia deixar de o ser o que estava destinado a imperador da Alemanha.

O imperador Guilherme II casou em 1881 com a princeza Augusta Victoria Frederica Luiza Theodora Jennez, que nasceu em Dülzig, a 22 de outubro de 1858, filha dos duques soberanos de Slesvig Holstein-Souderburg-Augustenburg, Frederico Christiano Augusto e Adelaide Victoria Amelia, tendo d'este consorcio quatro filhos.

A Alemanha compõe-se actualmente dos reinos da Prussia, Baviera, Saxe e Wurtemberg; dos ducados de Bade, Hesse, Mecklenburg-Schwerin, Saxe Weimar, Mecklenburg-Strelitz e Oldenburg, Brunswick, Saxe-Meiningen, Saxe-Altemburg, Saxe Coburg-Gotha e Anhalt; dos principados de Schwarzburg-Rudol-Stadt, Schwarzburg-Sondershausen, Waldeck, Reuss (dois ramos), Schaunburg-Lippe e Lippe-Detmold; das cidades livres de Lubeck, Brême e Hamburg, e das provincias da Alsacia e Lorena, com uma população não inferior a 43.000.000 de habitantes e um exercito superior a um milhão de homens, instruido e armado, segundo os mais modernos processos da arte da guerra, em que se exercita constantemente, podendo considerar-se o exercito allemão o modelo dos exercitos modernos, graças aos constantes cuidados do imperador Guilherme II.

JOSE' CYPRIANO DA COSTA GOODOLPHIM

A Academia de Instrucção Popular, uma instituição tão util quanto sympathica, celebrou no dia 3 do corrente uma sessão solemne, que foi uma festa brilhante, em homenagem a Costa Goodolphim seu presidente honorario e que n'aquelle dia completava o 51.º anniversario do seu nascimento.

Muitos foram os oradores que alli discursaram enaltecendo as qualidades e serviços de Costa Goodolphim ao principio associativo e em o numero d'aquelles contam-se Manoel de Arriaga, Brito Aranha, Sousa Telles, Guedes Quinhones, Simões d'Almeida, Antonio Joaquim d'Oliveira, Pedro de Carvalho, João Ceia, Guilherme de Sousa, Moraes Ferreira, Jorge dos Reis, José d'Oliveira, etc. que todos foram unanimes na homenagem prestada ao apostolo da instrucção popular e da associação em Portugal.

É a essa homenagem que o OCCIDENTE vem hoje associar-se publicando em suas paginas o retrato de Costa Goodolphim, enriquecendo assim a sua galeria de portuguezes prestantes e benemeritos que pelo trabalho e pelo talento tem sabido elevar e popularisar o seu nome.

E quem melhor que Costa Goodolphim tem conquistado essa popularidade, que com tanta justiça lhe cabe a elle que tem dedicado a sua vida de estudo e de trabalho ao proletariado como o attestam as suas obras: *A Associação, As caixas economicas, As Caixas Economicas Escolares, Les institutions de prevoyance du Portugal, A Providencia* notavel trabalho de investigação sobre o movimento associativo no nosso paiz, *Le credit populaire*, apresentado no 4.º congresso das sociedades francezas, *O credito agrícola, e Questões sociais*.

Em todas estas obras Costa Goodolphim afirma o seu grande estudo da questão socialista a grande questão, d'este final de seculo e que o seculo que vem, terá a resolver definitivamente.

Outros trabalhos litterarios ainda tem produzido de incontestavel valor, onde a poesia tem o seu culto, porque Costa Goodolphim é tambem um poeta, sendo os seus primeiros livros publicados, dois volumes de versos a que se seguiram: *Paginas soltas, Sepulchro de Perrho*, traducção do sueco, *Lendas Arabes, Visita a Madrid, O celibato clerical, Passado e presente*, etc.

Em breve o auctor d'estas obras acrescentará a lista dos seus livros publicados com *As classes operarias 1872-1892*, que tem em preparação, e com seu paciente estudo sobre *Misericordias Portuguezas*, em que faz a historia da fundação e desenvolvimento d'esta pia e caridosa instituição da rainha D. Leonor.

Costa Goodolphim é socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia de Mont-Real, da Academia de Buenos Ayres, da Associação dos escriptores e artistas hespanhoes, da Associação Humanitaria Europea de Londres, do Circulo Partenopeo *Gian Bastista Vico* de Napoles, etc, etc.

CIDADELHE

As duas gravuras que o leitor vê, mostram a freguezia de Cidadelhe. Esta freguezia está n'uma bella situação. Pertence ao concelho de Mesão Frio, de cuja sede está distante 5 kilometros; torna-se notavel pela sua antiguidade, agradável posição, salubridade do ar, suas optimas aguas e fertilidade de territorio. E' abundante em vinho, azeite e fructos de varias qualidades. O povo de Cidadelhe é laborioso e intelligente. Os homens são robustos, fortes e alegres, e as mulheres da classe baixa occupam-se todo o dia no serviço das vinhas. Ao regressarem a casa essas pobres mulheres vão em alegres descantes. Cidadelhe, outr'ora, foi importantissima, e ainda no meiado do seculo actual era importante pela representação que teve de familias nobres que aqui residiam, estando hoje os seus palacetes entregues a caseiros.

Nas duas gravuras hoje publicadas, o leitor vê: na 1.ª dois soberbos edificios, que são as casas do *Terreiro* e do *Cóto*. A casa do *Terreiro*, pertence ao distincto cavalheiro Antonio Borges Barreto da Gama e Castro, descendente de Vasco da Gama e D. João de Castro. A casa do *Cóto* pertence hoje aos herdeiros de Antonio Montes Champalimad. Na 2.ª gravura vê-se tambem dois bellos edificios, um ao centro da gravura e outro em todo o extremo, que são a casa do *Outeiro* dos herdeiros de Gonçalo da Veiga Cabral, e a *casa do Paço*, que foi de D. Diogo de Sousa e hoje pertence aos herdeiros do conselheiro Manuel d'Almeida Carvalhaes. Ainda temos outro vasto e soberbo edificio, que é a igreja parochial, o qual não pôde ser apanhado nas duas photographias que hoje reproduzimos.

Quem fór a esta freguezia verá que a natureza a adornou prodigamente. Tem dois apraziveis lugares, os quaes são *Santa Sabina* e *Castello*. O primeiro sobre leva a todos em formosura. D'aqui se avistam esplendidos quadros campestres e collinas, montes e vales, semeados de casas. Ao poente e sul descobre-se a villa de Mesão Frio, Barqueiros e Villa Marim. Circumvagando o olhar para o norte e nascente vê-se o Marão, com a sua enorme fraga da Ermida, Sediellos, Moura Morta, Oliveira, Cambres, Penajoia e a montanha de S. Domingos de Queimada, elevando-se no azul do céu peninsular. O segundo é o *Castello* do qual se avistam os mesmos panoramas. A denominação de *Castello* deriva-se das ruinas d'uma antiga fortaleza ou castro que o corôam e que ainda ali se vêem, constando de muros feitos de schisto de 3 metros de altura. Proximo d'estas ruinas têm sido encontradas muitas medalhas romanas. Entre ellas é digno de menção uma de Cesar Augusto, encontrada já n'este seculo. Quasi na mesma epoca foi encontrada uma outra, com o valor de 800 réis da nossa moeda. A antiguidade d'esta freguezia é grande. Diz o *Portugal Renascido*, de Rocha: — No tempo do abbade Primo deram os illustres Suario ou Soeiro Sandines, e seu filho Fernando Sandines, ao Mosteiro das suas villas de Recardães, Antolim e Ventosa, junto de Agueda, e a de Belline, junto ao Vouga, nos annos de 966 e 972, e o illustre varão Chistovão Professo lhe deu o seu mosteiro de Bagauste, junto ao rio Douro, e a igreja de Santa Eulalia, e umas terras que demarcavam com *Civdadelle* ou *Cidadelhe*, e com Lombedella em 970, a qual doação fez novamente a senhora Munia no anno de 973 =

Tambem se lê no *Portugaliae Inscriptiones* do dr. Levy M. Jordão, pag. 73: = *Cidadelhe* era cidade romana fortificada, e estava na via militar de Braga e Amarante para Lamego = Isto mesmo confirma o sr. Pinho Leal no volume 2.º, paginas 299, do seu *Portugal Antigo e Moderno*, quando descreveu esta freguezia. Das poucas behetrias que houve em Portugal, esta foi uma.

Na *casa da Picota*, de Mesão Frio, foi encontrado um fragmento de manuscrito do seculo 18, que diz d'esta freguezia: = *Cidadelhe* — é uma freguezia do termo de Mesão Frio, sem controversia se affirma ser a antiga Sinania, e ser esta totalmente destruida por Junius Brutus, sendo consul na Lusitania, como escreve Val.º Maximo cap. 4, livro 6.º, e isto no anno de 134 antes da vinda de Christo, e que das suas reliquias começaram a fundar a villa de Mesão Frio =

Cidadelhe está dentro da demarcação do famoso paiz vinhateiro do Douro, terra das *bôas moças*, como diz o povo na sua singela poesia:

Venho do Douro
e mais não venho dourado,
venho da terra das *bôas moças* —
e mais não venho casado.

Ao fundo d'esta freguezia vê-se o soberbo viaducto do Sermanha, reproduzido em gravura a

paginas 81 e 200 do volume 7.º d'este jornal, e a dois kilometros de distancia estão os famosos banhos do Molêdo.

Cidadelhe, setembro, 1895.

J. J. Gonçalves Pereira.

UM CAÇADOR ARAGONEZ

Bem posto mocetão! Pelas arvores desfolhadas, afigura-se-me que a estação é invernososa. Elle, porém, está encalmado! Tirou o amplo chapéu serrano.

O perdigueiro, hespanhol, de primeiro sangue, como o dono parou, enroscou-se e adormeceu; signal de fino! O Aragão é montanhoso, e o aragonez teimoso. As perdizes saltam rijas nos terrenos dobrados; levam guizos nas azas; vão de val a monte.

O moço caçador tem pernas e peito. Bateu os montados; dobrou os tiros; o perdigueiro cobrou de ferido e trouxe-lhas á mão, algumas ainda vivas. Desceu do alto da chapada. A vivenda deve de estar proxima. A *olla podrida* prompta; mais prompto o appetite. Depois, chalar á lareira, contando as aventuras aos intimos da casa, e... talvez á noiva!

Monte de Caparica, Torre, novembro de 1895.

Bulhão Pato.

Uma pagina da historia contemporanea dedicada á cidade d'Angra do Heroismo

II

Recordar e commemorar esse facto, que só agora se commemorou officialmente, e que foi o elo de uma cadeia nunca interrompida de combates, a principiar pelas batalhas, do Pico do Celleiro, e a de 11 d'agosto nas aguas e penhascos da Villa da Praia, era não só um dever da dynastia que elles proclamaram, em tão difficéis circunstancias; mas um dever da historia que regista todos os grandes feitos, sem odio, sem paixão, sem desdouro para os vencidos, para perpetuar na memoria das gerações o culto das grandes virtudes patrioticas.

Era uma lucta de pygmeus contra gigantes, e que não tinha outro objectivo se não o patibulo para os que tentassem oppôr-se á vontade quasi unanime da nação.

N'aquelles tempos e desde seculos remotos a pena de morte, cuja abolição annos depois immortalizou o governo que a decretou, no reinado de D. Luiz I, era decretada contra os crimes d'alta traição; n'aquelles tempos digo, a contra revolução contra os poderes constituídos podia considerar-se mais do que arriscada, insensata. Mas a contra-revolução triumphou, o movimento liberal accentuou-se vigorosamente, deu-se a batalha do Pico do Celleiro, organisou-se o exercito, e meu pae teve de andar errante e fugitivo, e até, de pés descalços por toda a ilha, para não ser conhecido. A sua cabeça fôra posta a preço. No interior da ilha tinham-se formado guerrilhas commandadas por intrepidos guerrilheiros, como era Joaquim d'Almeida, e outros que se batiam denodadamente contra os soldados da Rainha.

Por fim meu pae foi capturado e encerrado no castello de S. João Baptista, para d'ali ser conduzido ao patibulo. Em tão angustioso transe as mulheres mostram sempre o que valem. Minha mãe, D. Francisca Paula Merens de Tavora, (cumprindo-me o grato dever de consignar aqui o seu nome, como homenagem ás suas virtudes), foi lançar-se aos pés de Theotónio de Ornellas Bruges seu primo e pedir-lhe a commutação da pena, e graças á intervenção d'elle foi meu pae deportado para Inglaterra, tendo depois conseguido aportar á ilha de S. Miguel, e ser nomeado como capitão de milicias, ajudante de campo do capitão general Henrique da Fonseca de Sousa Prego.

Mas enquanto na Terceira se organisava o nucleo da resistencia, que se ia reforçando com as levadas emigrados que de Plymouth se vinha ajuntar aos conspiradores o governo de D. Miguel presentando o perigo de acalentar no seio do archipelago, mesmo a tão grande distancia, a resistencia, mandava ás aguas da Terceira uma esquadra commandada pelo almirante Rosa, no intento d'anniquillar de uma vez e para sempre este ninho revolucionario.

De ambos os lados reinava a confiança sobre o

resultado da lucta. O governo de D. Miguel com a tomada da Madeira, pelo general Prego, sem resistencia alguma, com o continente do reino livre pela emigração para Inglaterra dos principaes conspiradores, não punha a menor duvida sobre o seu triumpho.

Na Terceira igualmente aonde um punhado de rapazes valorosos, intrepidos, punha todas as suas vistas no ideal da liberdade, que lhes illuminava as frentes e lhes fazia pulsar os corações d'emoções generosas, quando no dia 11 d'agosto de 1829, por entre a cerração se descobriram as velas da frota miguelista, conta-se que os voluntarios da Rainha e academicos de Coimbra, que faziam parte d'esse batalhão, com os oculos assustados sobre o horizonte, em vez de se assustarem com a morte que os esperava, por uma lucta tão desigual, com o riso nos labios davam vivas á liberdade, preparando-se para o combate.

Não foi de certo para fazer sangrar as feridas provenientes das discórdias civis que se decretou ultimamente que no dia 11 d'agosto fosse saudada, com uma salva de 21 tiros a heroica terra onde se pelejou d'ambos os lados com inexcusavel heroismo, nem foi para fazer a apothose dos vencedores sobre os vencidos, porque não está ainda decidido á luz da historia, quem melhores louros colheu na lucta.

O que se quiz preconisar, e é insuspeito o nosso testemunho, foram as virtudes patrioticas que n'essa lucta se manifestaram e resplandeceram, para que essa apothose celebrada com uma missa campal indicasse á geração presente e futuras o caminho que deviam seguir.

Se os paes e irmãos dos vencidos dormem hoje o somno da morte e do esquecimento na valla funeraria, existem ainda os seus descendentes, inspirados na religião do patriotismo e fidelidade ás crencas politicas, porque seus paes derramaram o seu sangue em prol da dynastia caída.

Elles não consentiriam sem protesto, que se viesse não só ultrajar a memoria honrada dos seus ascendentes, mas lançar em rosto aos vencidos d'ontem os desastres infligidos pelos vencedores. Seria da parte do governo mais que uma enorme affronta, um crime.

Os governos apparecem e desaparecem como o fumo n'esse movimento de rotação que é uma das condições indispensaveis no regimen constitucional; mas os principios são eternos, como dizia Mirabeau na tribuna franceza.

Se fosse este o objectivo do governo que actualmente dirige os negocios do paiz, o de fomentar com recordações impertinentes e odiosas as dissensões civis, os seus dias seriam contados perante a opinião publica ultrajada.

Se tivesse sido esta a intenção do governo, as nossas palavras pronunciadas no dia 11 d'Agosto no lunch offerecido á marinha portugueza na Praia da Victoria e calorosamente apoiadas, teriam echoado não só como uma queixa mas como um protesto, de filho de miguelista e de liberal convicto.

Dr. A. M. de Tavora.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

XXII

OS ILLUMINADORES NACIONAES

(Continuado do n.º anterior)

Passando aos reinados de D. João III e de D. Sebastião é que achamos noticias de maior numero de illuminadores. taes como o conego regrante D. Heliodoro de Paiva, Marcos da Cruz, Simão de S. José, monge paulista, Gaspar Dias e Frei Bento Contreras que illuminou com todo o primor d'arte, como o Fr. Manuel de Sá, os livros do côro do Convento do Carmo de Lisboa; D. Margarida de Noronha, filha do segundo conde de Linhares, a qual diz Duarte Nunes de Leão, illuminava tão excellentemente que as suas obras causavam espanto aos maiores mestres; Antonio de Hollanda de quem o celebre Francisco de Hollanda, seu filho, escreve na sua *Pintura antiga* que a Antonio de Hollanda, meu pae, podemos dar a palma e juizo, por ser o primeiro que achou e fez em Portugal a suave illuminação de preto e branco muito melhor do que em outra parte do mundo.

No fim dos seus *Dialogos sobre o tirar pelo natural*, acrescenta: a mim me disse o imperador D. Carlos, em Barcelona, diante do nosso duque de Aveiro, do duque de Albuquerque e do duque d'Alba, que melhor o tinha retratado ao natural Antonio de Hollanda, em Toledo, por meio de miniatura do que Ticiano Vecelli em Bolonha.

PORTUGAL PITTORESCO



CIDADELHE — 1.ª VISTA

(Copia de uma photographia)

Francisco de Hollanda, esse primoroso illuminador, ensinou desenho aos infantes de Portugal e estando em Evora miniou duas estampas para umas horas de D João III e por ordem d'este soberano, seu protector, illuminou os livros do côro do Real Convento da Ordem de Thomar,

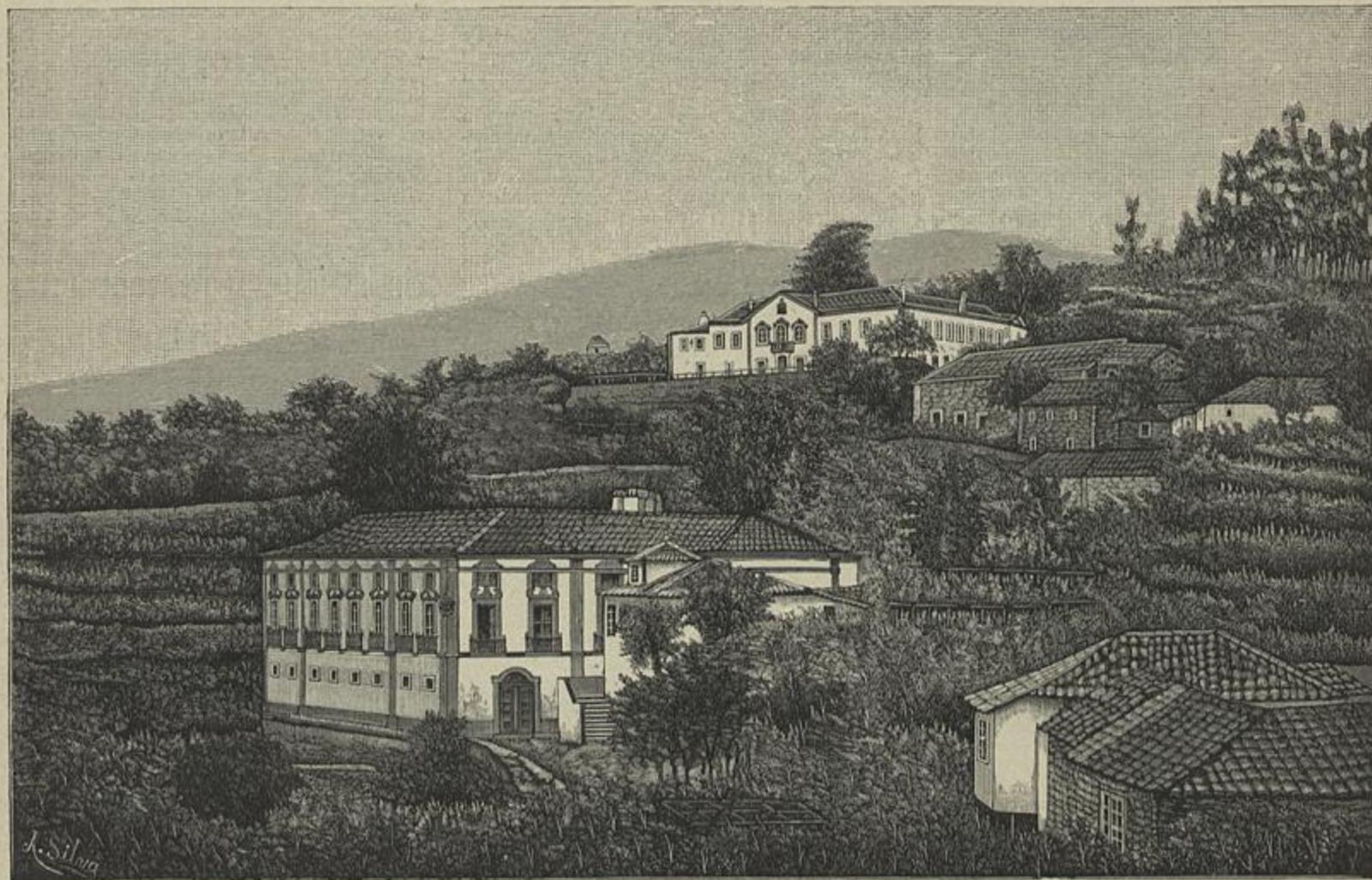
que constituem um eterno monumento de perfeição.

N'uma biographia de Manuel de Faria e Sousa diz-se: *En la iluminura hizo buenos progressos. o que nos prova que elle cultivava essa delicada e mimosissima arte.*

Em 1549 veiu a Portugal o illeminador Julio de Macedonia.

Eduardo Caldeira, em 1612, executou em Lisboa um manuscripto intitulado: *Genealogia universal da nobilissima Casa de Sandoval.*

Diz-se que é da mais prodigiosa magnificenciae



CIDADELHE — 2.ª VISTA

(Copia de uma photographia)

que faz honra á arte portugueza. Este livro que está na Bibliotheca Nacional de Paris, é pouco conhecido.

Fala-se que foi copiado, mas mediocrememente. No frontespicio lê-se: *Eduardus Caldeira Ulissipone scripsit anno dñi MDCXII.*

D'aquelles illuminadores portuguezes cuja existencia se deprehendeu dos apontamentos que demos quando citámos a sua obra, é claro que não fallamos aqui, já porque pouco ou nada diríamos, infelizmente, já porque devemos synthetisar o mais possível este estudo para que seja util.

*

D'onde derivou a escola da miniatura em Portugal? Eis uma pergunta feita amiudamente e a que respondem alguns auctores dizendo que, da arabe, outros da hespanhola, da italiana e da franceza.

Para nós os primeiros são talvez os que vêem melhor porquanto os manuscritos arabes na Hespanha eram escriptos em papel assetinado de Xaptiva e Septa, enriquecidos com ornatos pintados com côres tão vivas e brilhantes que n'elles se via a pessoa como n'um espelho.

Esta particularidade não se dá nos manuscritos em papel de trapo o qual é do seculo XIII.

Nos primeiros seculos da monarchia a letra empregada pelos nossos calligraphos era o cursivo, chamado pelos diplomatas *cursivo francez.*

Que não veio a miniatura da Italia isso se vê porque quando alguns illuminadores portuguezes para alli foram já em Portugal eram muito notaveis pela sua reputação artistica.

É certo porém que a influencia franceza se reconhece e isso nos attestam Viterbo e outros escriptores dizendo que D. Affonso III conde de Bolonha adquirira em França muitos conhecimentos e porque durante o seu reinado muitos portuguezes foram estudar fóra do paiz, indo aperfeiçoar-se alguns a Paris na ornamentação dos manuscritos.

Os artistas flamengos e italianos produziram muito para os reis de Portugal, e em alguns manuscritos illuminados por portuguezes se vê uma certa influencia italiana, e n'outros flamenga, mas todavia predomina sempre a escola franceza.

(Conclue)

Esteves Pereira.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

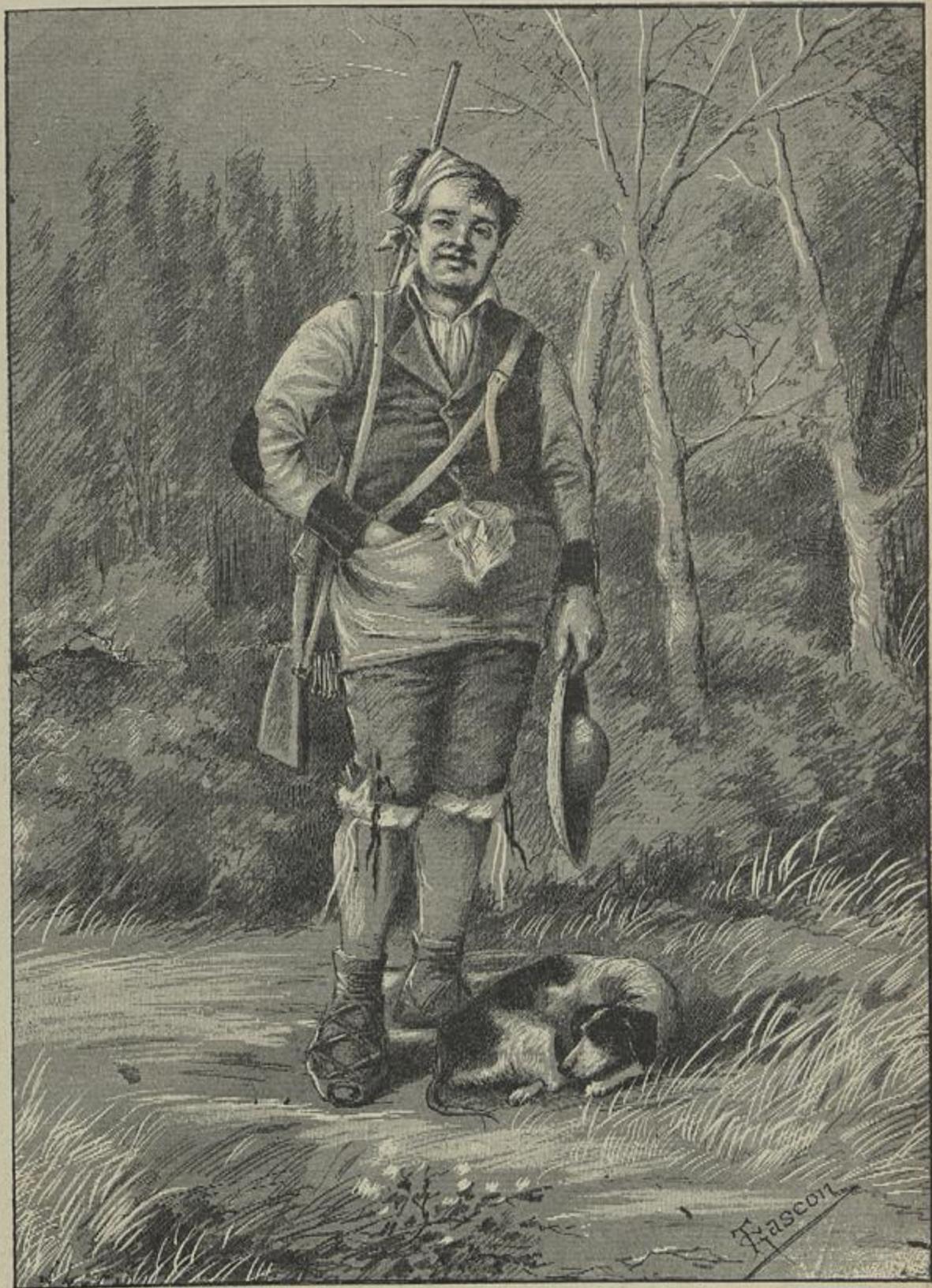
VII

(Continuado do n.º 607)

Têm os lances do acaso estranhos encontros com as auras da fortuna! Caminhava nos braços d'esta o Marquez de Sande, e, de improviso, a morte traiçoeira corta-lhe o passo, e prostra-o. A boa sorte, que não o abandonara nos perigos da guerra e nas luctas da diplomacia, fugiu-lhe agora, quando elle estava no zenith da sua brilhante carreira, deixando-o morrer obscuramente nas trevas da noite, ás mãos d'uns sicarios!

Receiava-se elle do perigo, que o ameaçava? Se até aquelle dia trazia despreoccupado o animo, as palavras que ouviu aos fidalgos, na Capella Real, deviam pol-o desde logo em guarda, e talvez seja prova de que não lhe passou despercebido o rebate, o sair d'alli na liteira de D. Francisco de Lima. Se foi assim não lhe valeu infelizmente o estratagemas; os inimigos eram arteiros, e desmascararam-o. Os seus dias estavam contados.

Ha destinos singulares — tal foi o d'este homem. A felicidade acompanhou-o durante a vida, mas a desgraça empolgou-o na morte, tão cruel e desamparada, e, perseguindo-o na sua memoria, lançou sobre ella o veu d'uma mentira, que a tradição conservou até aos nossos dias! Duas conspirações — a dos seus inimigos contemporaneos, e, o que é mais extraordinario — a da historia!



UM CAÇADOR ARAGONEZ

Era mentirosa a carta de D. Pedro a Luiz XIV, e mentiram, como elle, os que, proximos e testemunhas dos acontecimentos, deixaram correr e auctorisaram, com o seu silencio ou com o seu depoimento escripto, a lenda de que elle fóra morto por engano — por erro, dizem elles.

Esta conspiração da penna é mais torpe e feia que a do punhal. Esta affrontou os ferros, não da victima, que não se pode defender, mas os da justiça, que a havia de castigar; — a outra, a dos historiadores, não tem, para a desculpar, as paixões violentas, os animos irritados e temulentos, o interesse d'um homem, que via na conservação da vida d'outro uma ameaça á fortuna da sua casa: — é uma cilada, armada á boafé dos vindouros, uma traição, e uma verdadeira e indesculpavel covardia. E commetteram a homens como Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, e o auctor da *Historia genealogica da Casa Real*, o erudito D. Antonio Caetano de Sousa!

Não se abafou todavia, no tempo, o escandalo do attentado de S. Domingos. Foragidos — dentro

e fora do Reino — perseguidos pela auctoridade real, junto da qual não lhes valeu nem a alta posição social, nem as suas relações de familia, os criminosos continuaram de certo a occupar as attentões dos principes, da nobreza, dos magistrados e do povo. Eram altos, e davam muito na vista, para poderem ser esquecidos.

Perverso e desaforado, este conde de Mesquitella! Era dos Castros do Torrão, e, creio eu, filho do fidalgo do mesmo titulo, que militara em altos postos na guerra da Restauração. Pelo appellido devia ser parente do nosso D. João de Castro, e homem novo ainda, a julgarmos pela violencia e pela natureza dos seus crimes.

Ja vimos que não respeitava a vida dos homens; vamos ver a consideração que lhe merecia a honra das mulheres, e o decoro da propria familia. Aqui foi que elle de todo se perdeu.

A morte, desde a fatal noite da espera no adro de S. Domingos, estava, em 1671, homisiado em casa do sogro, e ahí travou criminosos amores com a sua propria cunhada! Não perdoou o pae a affronta, manifesta nos seus effeitos, mas não a castigou por suas mãos, que seria isso publical-a, e augmentar a sua desgraça. Procurou então o Regente, e contou-lhe o nefando caso. Imagine-se a colera do principe. Estava impune ainda o primeiro attentado!

Descoberto o novo crime refugiara-se o conde no Mosteiro de Odivellas. Procurara bom ninho o esfaimado abutre; teria alli consolações para o seu coração o amoroso fidalgo. As virgens do Senhor talvez conseguissem abrandar o animo bravo, aquelle que até alli andara tão longe do arrependimento, tomado da ira e da lascivia.

Mas não teve o peccador tempo para cair em si, penitenciando-se das culpas, nem as monjas tiveram occasião de experimentar n'elle a efficacia das suas receitas espirituas. Denunciado pelo sogro o esconderijo, alli foi o desembargador João de Mello, que de lá o trouxe preso, decerto com todas as etiquetas devidas a sua alta hierarchia e ao sagrado do lugar, a que elle tão christãmente se acolhera, sem se lembrar que o profanavam os seus pés de adultero e homicida. Parece até que o fero libertino deixou alli rasto de si, e que lhe foram na peugada os sacrilegos auctores do attentado, conhecido na nossa historia pelo nome de desacato de Odivellas. Um e outro se deram no mesmo anno.

A prisão do conde de Mesquitella e a sua chegada á côrte avivaram, de certo, na memoria de todos, o caso de S. Domingos: era esse o crime de que principalmente o accusaram. Por este, e por outros, que a sua alma parece que era viveiro de maldades — o condemnaram a degredo perpetuo para a India. O attentado recente — os amores e a deshonra da cunhada — esse sabia-o a côrte, e não o ignoravam os juizes, mas não figuraria no processo, em attenção, não ao réu, mas á victima.

E' facil imaginar que não correu elle sem que a mãe e os parentes do conde se esforçassem por abrandar a severidade dos juizes, e sem que, lavrada a sentença, implorassem a clemencia do Regente, pedindo-lhe moderasse o rigor da pena. Tudo, porém, foi baldado. D. Pedro, inexoravel, fel-a executar.

Em meiado de março de 1672 partiram de Lisboa, — com destino á India, — duas naus e um navio, com muita e escolhida soldadesca, pela maior parte voluntarios. Levaram por capitão-mór a João Correia de Sá, e deviam ir precavidos, porque, havia pouco, os corsarios barbarescos tinham feito paizes com os inglezes, «e n'este mez de março saíu dos portos de Argel e Salé uma mundação de piratas, que coalharam estes mares». A bordo da nau almirante iam o Arcebispo de Goa e o conde de Mesquitella, que partia a cumprir o seu degredo.

Foi este o ultimo acto da tragedia de S. Domingos. Mas não se passou nesse remoto e historico theatro do Oriente o ultimo acto da vida do irrequieto fidalgo. Entraria, finalmente, no seu espirito, combatido de tantas e tão grandes desgraças — proprias e alheias — o arrependimento? Atacal-o-hiam as saudades da patria, esta doença a que não resistem as almas de mais rija tempera, e quereria elle, ao menos, respirar o ar da Europa? Fosse qual fosse a causa, o que é certo é que elle fugiu da India, e em 1674 estava em Roma.

Aquella cruz do Redemptor, que não lhe conteve a mão assassina e sacrilega, aquella cruz, que elle não respeitou na occasião do crime, parece que na sua infinita misericordia o ficara chamando, e elle viera lançar-se aos pés do Summo Pontifice, para que lhe desse, com a autoridade do Rei dos Céus, o perdão, que não alcançara do Rei da Terra. Segredos d'uma alma, que o remorso talvez cruciava. Mas os acasos do destino trazem ás vezes consigo mais tremendas, mais severas punições. Foi em Roma, — em casa de D. Francisco de Lima — que o conde de Mesquitella morreu. Fôra na liteira do mesmo fidalgo, que elle assassinara o marquez de Sande, no adro de S. Domingos!

Na hora solemne da ultima despedida, aquella figura de D. Francisco era um sinistro traço de união entre os dois momentos capitaes e terribes — o principio da sua desgraça e o fim da sua vida. Não sabemos qual o papel de D. Francisco na tragedia — se amigo, se traidor — mas a sua presença devia, no fatal instante, avivar no espirito atribulado do moribundo a memoria, nunca de certo apagada, da nefanda scena, e a imagem do assassinado deveu surgir-lhe ameaçadora nas ultimas visões da agonía! Viu-a de certo. Oh, que viu! Vinha pela mão de D. Francisco o phan-

tasma, e livido, e ensanguentado, mostrava as feridas, e pedia vingança!

Dura morte deveu ser a d'este conde de Mesquitella! Fugiu da India, fugiu do castigo, alcançou talvez o perdão da Igreja, mas não pode — ninguem pode — fugir aos remorsos!

Um grande Shakespeare, este acaso! Que scenas e que surpresas elle ás vezes nos prepara!

(Continúa.)

Zacharias d'Aça.

SÉ DE LISBOA

(Concluido do numero anterior)

.....
E achei-me de repente em 1455. São 11 de maio; é domingo.

Desde os paços da Alcaçova, por S. Thiago e S. Martinho, até á sé, as casas, todas de frontaria de bico, e embucadas nas suas gelosias ricamente armadas, respiram desusada alegria esta manhã. Areadas as ruas, toldadas de panos, juncadas de espadanas e flores, e apinhadas de povo, que sae para ver a novidade.

A novidade, que assim dessocega o bairro, é esta: vai hoje a baptisar na sé do arcebispo D. Jayme o filho d'el-rei D. Affonso V nosso Senhor. As festas da realza foram sempre festas para o povo; por isso o povo sorri, como tambem sorri o mez de maio.

E sae da Alcaçova o prestito; lusida e nobre procissão aristocratica e real.

Abrem a marcha os porteiros da maça e os reis d'armas; seguem o porteiro-mór, o mestre sala, o veador, o mordomo-mór, cada um com as suas insignias. Depois a orchestra, de trombetas, tambores, charamelas, sacabuxas, e mais instrumentos. Depois, debaixo de rico pallio de brocado, o infante D. Fernando irmão d'el-rei, levando o menino ao collo, esse menino de oito dias, que ha de vir a dar tanto em que fallar! pegam ás varas do pallio, a deante o conde de Villa Real, D. Pedro de Menezes e o prior do Crato D. Vasco de Ataíde, e atraz o marquez de Villa-Viçosa e D. Fernando conde de Arrayolos seu primogenito. Seguem-se o grande infante D. Henrique, a infanta D. Catharina irmã d'el-rei, a senhora D. Filippa irmã da rainha, e sessenta senhores e fidalgos vestidos de opas roçagantes de ricos brocados, e sessenta senhoras, donas, e damas, trajando á francesa com a maior opulencia e graça.

Saem da sé a receber o cortejo, ao som do badalar dos sinos todos, o arcebispo de Braga, e tres bispos com o cabido e muita clerzia. Lá vejo entrar a esplendida turbamulta; lá procede o arcebispo de Braga ao baptisado do principe, sendo padrinhos o infante D. Fernando e o prior do Crato, e madrinhas a infanta D. Catharina e D. Beatriz de Vilhena. Pegou no gomil e no saleiro D. Fernando de Menezes; e na bacia de prata Leonel de Lima.

Acabada a festa no templo, voltou para a Alcaçova o mesmo cortejo, com as tochas accesas¹.

Quem dissesse então aos assistentes:

— Ali vae o sanguinario, o terrivel D. João II!

.....
Depois mudou a scena. Achei-me em 14 de agosto de 1513.

E' manhã. Está na capella-mór, em toda a pompa de côrte, el-rei D. Manuel, na sua cadeira de brocado ao lado do Evangelho. Segue-se-lhe o principe D. João seu filho, seu primo o duque de Coimbra D. Jorge, mestre de Sanctiago, o conde de Tentugal, o conde de Marialva, o conde de Portalegre, o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, os bispos da Guarda, de Vizeu, e de Saffim, o D. abbade de Alcobaca, e muitos outros senhores.

Lá pelo alto das abobadas da capella-mór, pendem ondulando vagamente as bandeiras que em dezembro de 1495 el-rei D. Manuel doára á cathedral, tomadas aos moiros de Tanger pelo capitão de Arzila D. João de Menezes, filho do senhor de Cantanhede².

Les drapeaux frissonnant sous tes voutes splendides.

¹ Garcia de Rezende, *Chron. de el-rei D. João II*, cap. II.
² Vide Damião de Goes, *Chron. d'el-rei D. Manuel*, pa. xci.

Quem, entrando no corpo da igreja apinhada de povo, sempre curioso de presenciar estas nobres solemnidades, perguntasse o que ia alli celebrar-se, ouviria:

— Vem el-rei mandar benzer os estandartes.

— Que estandartes?

— Os que leva contra Azamor o duque D. Jayme. Não passaste na Ribeira? não vistes a armada toda de verga de alto?

Pouco depois lá chega uma cavalgada numerosa ao adro da sé, Apeiam-se todos, e entra, com o seu ar sombrio e mystico, mais carregado que de costume, a grande figura do duque. Vem vestido de branco, segundo o uniforme dos seus regimentos; traz collar de sumptuosa pedraria, e aperta com o punho esquerdo a sua valente espada. Acompanham-n'o os officiaes da armada, e preeede o seu alferes com o estandarte real colhido. Feita a oração ao Sacramento, beijam todos a mão a el-rei, e enfileiram-se para ouvir missa.

Dita ella, benzeu o arcebispo o guião da nova hoste, alli, na mesma capella-mór, sobre o altar de S. Vicente nosso padroeiro, e entregou-o ao duque. Este depô-o nas mãos d'el-rei, que o aceitou e lh'o tornou a entregar, com palavras de animação cheias de brio portuguez. De joelhos escutou o viuvo de Leonor de Mendonça; de joelhos e de olhos baixos, talvez arrazados de pranto.

E d'ahi entregou o estandarte novamente ao alferes, e sahiu com el-rei e todos a encavalgar á porta do templo.

Na tarde d'este mesmo dia (anniversario de Aljubarrota!) embarcou a expedição¹.

.....
Quem é agora aquella formosa rapariga de dezassete annos, que ao lado d'el-rei D. Manuel acaba de aprear-se ao adro da sé?

O povo que estivesse junto aos paços da Ribeira no domingo 4 de agosto de 1521, pelas 4 horas da tarde, veria sabir em todo o esplendor uma cavalgada festival, direita á Tanoaria e Rua Nova.

La el-rei ricamente vestido á flamenga, n'um cavallo de brida; depois a rainha D. Leonor sua mulher n'umas andas (ou liteira, como hoje diriamos) e com ella dentro a infanta Beatriz duquesa de Saboya; as andas cobertas de panno de ouro; os dois cavallos, guarnecidos de caparazões de brocado de ouro de pello.

Seguia n'um ginete magnificamente ajaezado o principe D. João, de capa aberta e com espada. Seguia a infanta D. Izabel em uma mula com guarnição e andilhas de rica chaparia de ouro. Seguia o cardeal infante D. Affonso com seu roxete, capello, e sombreiro de setim carmezim, em mula apamentada de veludo da mesma côr. Seguiam-se o infante D. Luiz á flamenga, em cavallo de brida esplendidamente guarnecido; o infante D. Fernando de capa aberta em ginete arreado de ouro; os infantes D. Henrique e D. Duarte em facas de brida igualmente ajaezadas; e todas as damas da rainha e das infantas, e muitos gentis-homens, e pagens, e moços de esporas.

Foram, pois, pela rua Nova e Padaria até á sé e fizeram oração.

Tornaram a sair, subiram a Sanctiago, e em Sancto Eloy foram despedir-se da rainha viuva, a bondosa D. Leonor, que alli habitava na casa que lá para o deante estudaremos.

D'ahi desceram ao longo da Ribeira e entraram de novo no paço, onde houve o grande sarau de despedida immortalizado pela penna feticieira de Garrett no drama que foi a primeira coída de gloria da insigne actriz Emilia das Neves r

No outro dia foi o embarque.

A 29 de setembro o desembarque em Nice (ou Niza, como diziam os portuguezes),

.....
E como idéia associada a isto tudo:

Possue el-rei o senhor D. Luiz um quadro delicioso. O auctor é Luigi Gamba, a quem el-rei o encomendou em Italia. O assumpto, a chegada da frota ao porto de Nice. Formosa pagina! interpretação brilhantissima da nossa chronica! Desenho correcto e facil; colorido vigoroso e limpo; taes são os predicados principaes d'este painel.

É alto dia. Refulge em todo o seu esplendor o sol de Italia (liberdade poetica habilmente tomada pelo pintor, dil-o-hei de passagem, visto como, crermos Damião de Goes, foi já de noite o des-

Vide *Hist. gen.* t. v., pag. 513; — Damião de Goes *Chron. d'el-rei D. Manuel*, p. III, cap. XLVI.
¹ Garcia de Rezende, *Ida da infanta D. Beatriz para Saboya*.

embarque da infanta duquesa) ¹. A' direita vê-se o mar, e entrevê-se a armada salvando. A' esquerda, no alto de um coreto guarnecido de tapeçarias: uma banda de trombeteiros e chameleiros sauda a recém-vinda. Ao meio do quadro, entre o grupo das suas damas, e debaixo de pallio, vae pondo o pé na terra italiana a gentil peninsular, vestida de brocado branco, toda graça, toda sorrisos, ao passo que o duque Amadeu, curvado e respeitoso, todo affecto e curiosidade, se aproxima entre os seus grandes a recebê-la.

O quadro esteve muito tempo na galeria da Ajuda. Quando aqui tivemos a visita do príncipe de Galles em maio de 1876, ordenou el-rei que tanto este como outros muitos painéis, passassem a enfeitar as salas do paço no sumptuoso baile que o mesmo senhor deu ao presumptivo herdeiro da corôa de Inglaterra.

Desfeita esta visão da despedida da linda infanta Beatriz, achei-me em 27 de junho de 1579. Outros tempos! tristezas e desanimo.

Ficou-se em Alcacer-Quibir o nosso ultimo rei cavalheiro. Succedeu-lhe, como tardio fiador da dynastia, o cardeal; e esse mesmo acaba de finar-se em Almeirim.

Lavra o mais fundo desanimo n'este bom povo de Portugal.

Estamos na capella-mór da sé.

Quem são aquelles cinco homens alli reunidos? o que estão assignando? são os governadores do reino; aquelle pergaminho é a provisão do cardeal nomeando os que por sua morte haviam de administrar Portugal na difficillima crise que o atormentava.

Reconheço D. João Mascarenhas, Francisco de Sá de Menezes, D. João Tello, e Diogo Lopes de Sousa, presididos pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida.

Lido o auto, prestam os governadores o seu solemne juramento nas mãos do bispo de Leiria D. Gaspar do Casal.

Que acto! que tremendas responsabilidades! que prologo de tantas amarguras! ¹

Outro quadro.

São 29 de junho de 1619. Vae em Lisboa toda e no seu termo desusada e extraordinaria festa; celebra-se com esplendor nunca visto a entrada de el-rei D. Philippe II na cidade.

Tinha uns dias antes chegado o augusto viajante com a sua numerosa comitiva, aposentara-se no mosteiro de Belem, e em 29, no meio de um indisciplinavel triumpho naval, desembarcava da sua galeota o opulento soberano na praia do terreiro dos seus paços reaes; festa imponentissima, de que o nosso artista Domingos Vieira Serrão fez o desenho, gravado depois por João Schorquens ¹.

Seguiu el-rei a cavallo entre as interminaveis exigencias das etiquetas cortezãs até á sé, rodeado de grande concurso de povo, e apeou-se nas escadas do adro.

O presidente da camara e os vereadores, deixando as varas do pallio, tomaram logar á esquerda d'el-rei, o príncipe herdeiro á direita, e os outros príncipes atraz. Subiram a escadaria; no taboleiro superior esperava-os, debaixo do pallio, e vestido em pontifical, sem mitra, e com o Sancto Lenho na mão, o arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro; mas como era muito velhinho e mal se podia sustentar em pé, seguravam-n'o de um lado o arcebispo de Santarem, seu sobrinho, e o thesoureiro da sé.

O rei e os príncipes, depois de ajoelhados adorarem o Sancto Lenho, entraram no templo atraz do pallio, e foram ao altar-mór fazer oração, em quanto se cantou um solemne *Te Deum*; e depois, entouo o arcebispo as Antiphonas, desvestiu-se dos trajos pontificaes, e foi com todo o cabido beijar a mão do soberano. Acabado esse acto, acompanharam-n'o todos outra vez até á porta ².

Quando este ultimo quadro dissolvente acabou de esvanecer-se, arranquei-me ao sonho que alli me detivera, e saí. Precisa de ar; parecia que abafava.

Julio de Castilho.

NADA HA NOVO N'ESTE MUNDO

Pelo menos, é d'esta opinião o celebre professor Lombroso, de cujo artigo recentemente publicado na *Contemporary Review*, sob o titulo «Atavismo e Evolução» e a mais de um respeito, interessantissimo, extrahimos as seguintes novidades, velhas, que assim o affirma o auctor. É deveras curioso, diz elle, examinar os innumerados inventos que fomos costumados a aceitar a titulo de novidades, mas que, na realidade, representam apenas, em mais de um caso, coisas velhas e revelhas.

Está já hoje fóra de duvida que os antigos tiveram conhecimento do pararaio, ou que, pelo menos, não ignoraram o meio de attrahir o raio. Os guerreiros celtas, assim que presentiam trovoadas, adoptavam como medida preventiva, o seguinte expediente: corriam para a margem dos rios ou para a beira mar, estiravam-se ao comprido, no chão, e cada qual espetava ao pé de si, na terra, ou na areia, um facho accêso, a propria espada, e na falta d'esta a escuma ou o dardo, com a ponta virada para o ar. A foice em geral, percuteindo a ponta aguçada da arma, resvalava pela lamina do gladio ou pela haste de ferro do dardo e ia sumir-se na agua, sem causar damno ao guerreiro.

Os romanos, segundo todas as probabilidades, conheceram tambem o conductor de raios, posto que tivessem deixado cahir no esquecimento o que tal respeito sabiam. No alto da mais elevada torre do castello de Duino, antiga fortaleza do tempo dos romanos, por estes edificada nas margens do Adriatico, existiu desde tempos immemoraveis, uma comprida verga de ferro, arvorada na mais elevada plataforma. Durante as borrascas, tão vulgares naquella região, quando vinha a estação calmosa, servia o tal conductor de fóma primitiva para a annunciar a aproximação da trovoadas. Quando o mar revoltou, ameaçava temporal, postavam proximo ao ferro protector, um soldado, que de vez em quando, encostava á haste de ferro, a ponta de seu comprido dardo, e, assim que via luzir entre os dois ferros a foice, avisava por meio de toques de sineta, os pescadores da costa.

No decimo seculo Gerbert vulgo (Hugo Capito) ideou o seguinte meio para affastar o raio das terras cultivadas: mandava espetar, de espaço a espaço, nos campos lavrados, mastros rematando em pontas aguçadas de lanças.

Em 1662, já havia *omnibus* em França. Os romanos perfuraram poços artesianos nos lugares mais reconditos do deserto de Sahara. As planicies do Libano e de Palmyra eram fertilisadas por meio de irrigação artificial: e o viajante ainda hoje, ali vae encontrar vestigios de poços, cisternas e canaes.

Em 1685, o *Journal des Savants*, inseria um artigo do celebre Papim, o qual historiava uma experiencia, tentada por um seu amigo, de nome, Wilde, que tinha por fim conseguir o crescimento instantaneo das flores. O segredo consistia no modo de preparar o terreno, mas infelizmente ou felizmente, talvez nunca veio a ser desvendado.

A massagem é pratica antiquissima e que gozou de bastante favor entre os romanos. Paracelso, na sua *Opera Medica*, fala de homöopathia, e affirma que é o «similar que cura o similar» e não o contrario que cura o contrario. «A propria natureza o mostra» diz o auctor, e, a todo o momento, observamos, que, entre as coisas semelhantes a procura é reciproca. Polybio refere-se tambem á cura pela similitude: e Avicena ao emprego dos venenos em doses infinitissimas, citando como exemplo a applicação do arsenico, em determinados casos. Mireppo tambem empregou o arsenico em doses minimas como remedio para as febres intermitentes. Os medicos chinezes já faziam uso da *cannabis Indica*, como calmante, 222 annos antes da era christã.

Os arabes applicavam o aloes e a camphora tal qual são applicados actualmente. O *spiculum*, o *forceps*, já eram conhecidos no anno de 500 da nossa era; e, nas ruínas de Pompeia, foram encontrados especimens de taes instrumentos, que o muzeu nacional de Napoles ainda hoje conserva nas suas colleções.

Galande, em 1655 expôz a theoria dos *centros psychicos*, e indicou a parte anterior do cerebro como sendo a séde da imaginação, o centro da razão; e a posterior o da memoria.

Aristoteles ensinou aos seus coevos o meio de tornar potavel a agua do mar, fervendo-a e colligindo-a em estado de vapor.

Os gregos usaram, como arma defensiva, o *piluma*, especie de couro, ou couraça, de linho ou lã, de tecido tão denso que era impenetravel, ainda aos mais aguçados ferros: — mas o segredo morreu com elles.

Os romanos tiveram lagares de azeite perfectis-

simos, e tudo leva a suppôr que o seu processo de exprimir a azeitona seria superior ao nosso.

Os chins, já em 1200 construíam casas de ferro. Entre os pictos da Escocia e os celtas da Gallia encontraram os romanos casas de vidro, e houve-as muitos seculos antes no reino de Sião.

Os methodos da irrigação que tão ferteis tornavam os campos da Lombardia e os da Inglaterra já existiam no tempo de Virgilio.

Os chins usavam já, em eras assaz remotas, pannos feitos de ervas.

Terriveis, os taes sabios! E nós n'esta maré de investigações meudas, tractemos desde já, de ir dispondo o nosso amor proprio, nós, filhos do seculo das luzes, para extranhas decepções, para valentes quinãos: — não nos espantemos, se qualquer dia nos vierem revelar que Eva conheceu a machina de costura (a pagamentos); que engomava as camizas de Adão com ferro a vapor; — que a Arca de Noé era movida a helice — que a batalha de Marathona foi vencida pelas espingardas de agulha... e... a noticia da victoria transmittida pelo telegrapho... electrico. Mas tudo isto prova afinal?

Que a humanidade, por mais que se diga, é rebelde a innovações e que, sempre de pé atraz, quando alguém intenta abanar-lhe a commoda indolencia, a ellas se esquivava, quanto pôde, e só as vem finalmente a adoptar, quando lh'as impõe a pressão da absoluta necessidade, ou a poder de provas, irrecusaveis.

Moral da fabula: — tudo é velho n'este mundo — n'este vasto queijo em que o misantropo desejava ser o rato — e, velho e revelho como tudo o mais, a rotina.

Pin-Sél.



REVISTA POLITICA

Não se pôde dizer que tenha sido falho de acontecimentos politicos o espaço de tempo que mediou entre a nossa ultima revista e a que hoje escrevemos.

Sim tem occorrido factos da maior importancia como os que nos veem do estrangeiro e das nossas possessões ultramarinas, além de estarmos a dois dias das eleições geraes de deputados e ter-se accentuado definitivamente a abstenção das opposições em concorrer á urna.

Que lhes preste, que em pontos de disparate nunca vimos outro maior.

N'este ou n'outro systema governativo não conhecemos mais que dois meios dos partidos affirmarem a sua vitalidade; ou os legaes, que as leis lhes conferem, ou os illegaes, que as revoluções legalisam.

Quando não utilisam os primeiros e não podem lançar mão dos segundos, os partidos estão mortos.

E' o que acontece ao partido progressista contra vontade de muitos de seus membros, que nem todos, concordaram com a abstenção.

D'este modo as eleições não offerecem o interesse que costumam ter, ninguem dá por ellas, e todas as attentões se dirigem e, diga-se, com muito mais razão, para os acontecimentos d'África e da India, a par das boas noticias que nos chegam do estrangeiro sobre a viagem de El-rei D. Carlos.

Para que nem tudo fosse rosas frustrou-se a visita de El-rei D. Carlos á Italia, por motivo das exigencias da politica italiana, facto de todos conhecido e que pôz uma nota discordante na viagem real, mas essa nota discordante foi feliz e largamente compensada com o excellente acolhimento que o monarcha portuguez teve em todas as côrtes que visitou, desde Madrid até Londres, podendo bem dizer-se que foi uma marcha triumphal a passagem de El-rei atravez d'aquelles paizes.

Em a nossa ultima revista já nos referimos ao acolhimento que El-rei D. Carlos teve em Madrid e em Paris, e hoje temos a acrescentar que, na Allemanha e na Inglaterra, não foram menos significativas as provas de affecto que o sr. D. Carlos ali recebeu, com o que mais se estreitaram os laços de amizade e boas relações entre aquellas potencias e Portugal.

Mas se a viagem do Chefe do Estado foi de bom agoiro para Portugal, outros factos menos agradaveis vieram perturbar essas alegrias, qual foi a noticia da grande insubordinação das tropas, occorrida na India, por não quererem ir para a

¹ Chron. d'el-rei D. Manuel, p. IV, cap. LXX.

² Hist. gen. — Provas — t. III, pag. 480.

³ Cyrillo V. Machado, *Memorias*, pag. 72.

⁴ Lavanha, *Viagem de D. Philippe II a Portugal*.

Africa Oriental conforme as ordens do governo da metropole.

Chegou a haver telegrammas alarmantes sobre este facto, como os nossos leitores teem de certo lido, e ainda hoje os espiritos estão suspensos sobre as consequências d'aquella insubordinação que tomou as proporções de uma revolta, não obstante a expedição militar que o governo fez seguir para Gôa e que os ultimos telegrammas dizem ter alli chegado horrem.

Tudo voltará á ordem sem mais sacrificios além dos que se teem feito, se a boa sorte que tem protegido as nossas armas na Africa Oriental se estender até á India, como é de esperar que assim succeda.

E emfim esses triumphos das armas portuguezas empenhadas em manter a integridade dos nossos dominios de além mar, sempre é mais significativo e importante que os triumphos da urna, unicos, que desde muitos annos se observavam em o nosso paiz sem honra nem gloria para ninguem.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Revista das alfandegas. Com toda a regularidade temos recebido esta revista, proficientemente redigida, e muito interessante na sua especialidade.

Mosén Jacinto Verdaguer en defensa propria. É uma collecção das cartas em catalão e traduzidas em castelhano que este poeta hespanhol publicou nos jornaes do reino visinho *El Noticiero* e da *Publicidad* contra aquelles que querendo dal-o por louco o queriam subtrahir á vida litteraria, na qual Verdaguer tem conquistado merecidos louros como por exemplo com o poema *La Atlantida y Canigó*. Esta publicação é feita a expensas d'alguns admiradores.

Instrucção Pastoral, Quaresma de 1895.

Esta Pastoral foi dada pelo reverendo arcebispo metropolitano de Evora o sr. conselheiro doutor D. Eduardo Augusto Nunes, aos fieis e parochos da sua archidiocese.

Como documento religioso é importante, e como documento historico citaremos o mappa da distribuição dos subsidios concedidos pelo cofre da Bulla da Sancta Cruzada para egrejas pobres do arcebispado d'Evora nos annos de 1884 a 1894.

Portugal Agricola. 7.º anno — 1895 — 1896 — Julho de 1895. Com este numero enceta tão apreciavel publicação, o seu setimo anno. Dirigido proficientemente pelo sr. João Achilles Ripamonti, ha a maior selecção nos seus artigos todos muito interessantes e opportunos.

Valle das Furnas, miniaturas em verso, por Mendo Bem. S. Miguel, Ty pographia Elzeveriana, 1895.

Um primoroso volume de versos de que já se occupou nas paginas do *Occidente* (n.º 603) o sr. dr. Silva Mattos com o louvor que esta obra merece. Hoje accusando o recebimento do volume não podemos deixar de reproduzir uma das bellas poesias que o ornã, dedicada pelo auctor ao distincto collaborador do *Occidente* e nosso preado amigo sr. dr. Alexandre Meyrelles de Tavora:

LAGOA SECCA

Ao dr. Alexandre Meyrelles de Tavora

Foi-se a noite dos tempos, a historia põe luz brilhante em dias do passado; e ora recorda um feito assinalado, ora um successo de lethal memoria.

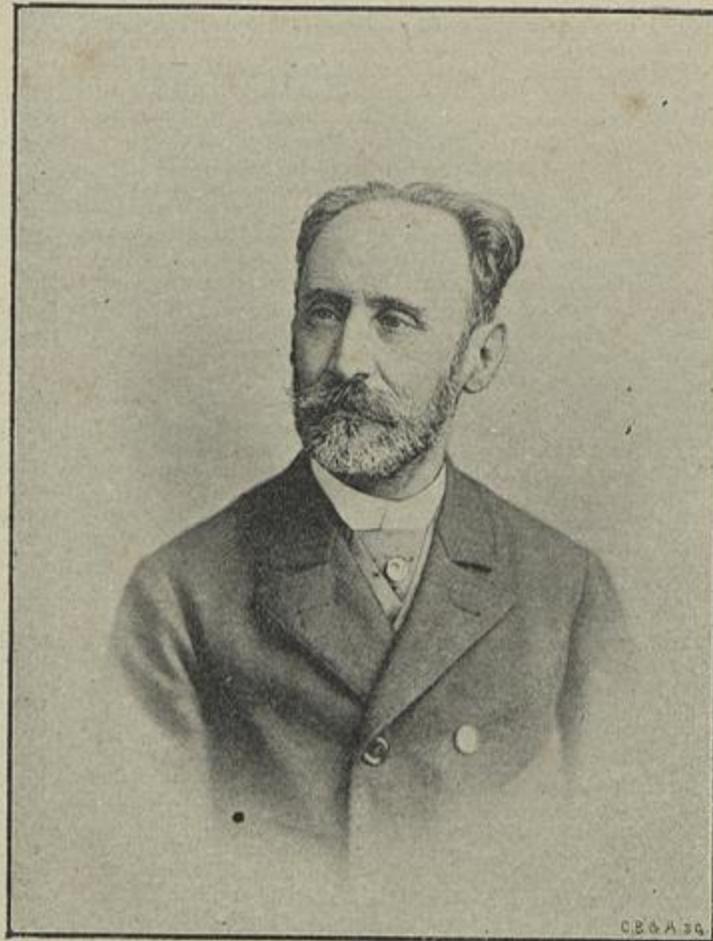
Quem lhe prescrua o sibyllino arcano,
e dá aos folios aturado estudo,
lé esses codices de caracter mudo,
decifra lendas com trabalho insano.

É pois á historia, minha sabia mestra,
que vou pedir uma lição, um facto,
p'ra pôr em verso, n'este estylo ingrato,
o som horrivel d'ignesciente orchestra.

Dez annos antes que o povo
soltasse o grilhão d'escravo,
que acorrentava esse bravo
a Castella, um facto novo

se deu para além do val'.
As chammas romperam bravas,
em mil escorias e lavas,
d'uma lagoa. Mortal

foi a medonha explosão.
Morreram gados e plantas,
e tantas pessoas, tantas,
que se não sabe a porção.



JOSÉ CYPRIANO DA COSTA GOODOLPHIM

Chamaram-lhe então cinzeiro,
porque as cinzas se espalharam,
e tantas leguas andaram
que correram mar inteiro.

A trinta leguas da ilha
demora outra, a Terceira;
pois a lava traiçoëira
chegou ali. Maravilha

que ficasse inda de pé
este valle, que da lagoa
pouco dista; e que a Lisboa
chegasse a nova, qual é.

Pois chegou! E eram passados
dez annos, (o tempo corre!)
um traidor succumbe, morre
aos seus feitos negregados.

Quarenta homens, valentes
como as lavas d'um vulcão,
quebraram, da escravidão,
as algemas, as correntes.

E no logar aonde as aguas repousavam,
e reflectiam, pandas, os verdes arvoredos;
ficaram as escorias, as lavas, os penedos,
os milharaes, os trigos, as aves que choravam
essa lagoa bella, refrigerante e pura,
que de tantos foi berço e d'outros sepultura.

Os poucos exemplares que restam acham-se á venda na livraria Gomes, rua Garrett, Lisboa, ao preço de 500 réis.

La Ultima Moda. Revista semanal. Com toda a pontualidade nos tem sido remetida esta magnifica illustração hespanhola, uma das melhores no seu genero. Já vae no seu numero 404.

Dando aqui noticia de tão util publicação avizamos as nossas leitoras que as officinas de *La Ultima Moda* se mudaram para a *Calle de Velázquez* n.º 56. Madrid.

Grandes Armazens do Chiado, publicação semestral. 1895.

É um catalogo, illustrado, dos artigos que se vendem n'aquella casa. A parte litteraria é graciosa e adequada.

Bibliotheca das Noticias, publicação mensal, setembro de 1895. *India—Margarão—Rua Fresca, 59.* A presente publicação, faz parte do conceituado semanario jornal da India portugueza *Noticias* a cuja redacção saudamos pelo seu anniversario, passado a trez de agosto de 1895 e pela publicação d'esta sua revista litteraria. Eis o sumario do primeiro numero: Retratos de Magalhães Lima, Floriano Peixoto, Edtambuloff e Martinez Campos.

A parte litteraria, muito variada, consta dos seguinte artigos em prosa e verso: Antes de virar a folha; As letras; Até nunca!; Vida e Morte; Migradora de Sloyd; O lume; Balada intima; Peleja de Amor; Sorte divertida; A primeira infancia; Na Velha Gôa: Reminiscencias; Time is love; Na aldeia; Mina de Carvão; O papagaio; As nossas illustrações; Conselhos e receitas de D. Bertha; Facecias, cumulos, maximas, etc., etc.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. 14 serie.—N.º 2 Imprensa Nacional. 1895. O sumario d'este boletim noticia-nos o relatorio official da *Expedição ao Bihé*, pelo major Arthur de Paiva. Collecção de varias plantas medicinaes da Guiné portugueza, por Camillo Lima da Costa estudioso e prestimoso enfermeiro da companhia de saude do districto da Guiné portugueza.

Qualquer dos trabalhos referidos é bastante curioso.

Temos presente tambem o *Estatuto Geral*, d'esta prestimosa sociedade, approvado pela assembléa geral em sessão de 3 de junho e sancionado por alvará de 3 de julho de 1895.

Sobre elle como lei que é, nada devemos criticar, todavia alguns artigos se contem n'este *Estatuto* que nos pareceram mal orientados.

Discurso, proferido pelo bispo de Coimbra no Congresso Catholico Internacional de Lisboa, celebrado em 1895. *Coimbra, typographia do Semmario, 1895.*

O discurso, como se sabe, é um verdadeiro primór, por isso simplesmente o indicamos aos nossos leitores, para que o apreciem.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prélo e prestes a sahir a publico este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras

Recebem-se desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 35